

# IDADE MÉDIA, ROLÉS E ENSINO DE QUALIDADE: ENTREVISTA COM RODRIGO DOS SANTOS RAINHA

JEFFERSON DOS SANTOS ALVES\*

LAÍS MORGADO MARCOJE\*\*

**Apresentação:** Professor dos cursos de graduação em História na Universidade Estácio de Sá desde 2008 e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro desde 2015, Rodrigo dos Santos Rainha é um historiador especialista em Idade Média formado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004), onde também obteve os títulos de mestre (2007) e doutor (2013) em História Comparada. Além de lecionar e manter sua pesquisa sobre os visigodos, educação e cultura na Idade Média, Rodrigo Rainha participa de atividades no Programa de Estudos Medievais da UFRJ e dos projetos “Rolé Carioca” e “Rolé Brasil”.

**Jefferson Alves: Muito obrigado pela oportunidade. Vamos começar por uma pergunta geral: Como surgiu seu interesse pela Idade Média, especialmente pelos visigodos?**

**Rodrigo Rainha:** Legal! Essa é uma pergunta que eu já respondi algumas vezes, até por conta da relação com os alunos, porque traz sempre uma curiosidade naquela lógica “você tem alguma ascendência?”, “você tem alguma relação com Espanha?”. Eu explico pra eles que sou carioca, nascido no alto do morro do Andaraí, de uma família de quatro gerações aqui no Brasil. Não tenho nenhuma relação histórica ou afetiva com a Idade Média. O interesse surgiu, na verdade, pela aproximação com a própria orientadora.

---

*Entrevista realizada na UERJ, Rio de Janeiro, no dia 25 de outubro de 2017.*

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. (E-mail: jeffalves84@gmail.com).

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. (E-mail: laismarcoje@gmail.com).

Eu tinha feito a disciplina no IFCS, na época ainda IFCS, IH hoje <sup>1</sup>, com a professora Leila Rodrigues<sup>2</sup>, e fiquei encantado com a possibilidade de estudar História Medieval. Quando sentamos pra conversar sobre os temas possíveis, ela falou: “Tudo bem, mas tem que ter cuidado, tem que ter um determinado conhecimento prévio”. Eu falei que queria trabalhar alguma coisa com os árabes, e ela achou melhor não; que tinha que ser alguma coisa que tivesse a ver com a documentação. E como eu não tinha conhecimento da língua, sugeri algo como Carlos Magno. Ela achava que era importante a gente lidar com a historiografia francesa.

Eu lembro que disse pra ela que aceitava sugestões, e ela me falou: “oh, na Península Ibérica tem um grupo que está próximo dessas relações e com esses espaços que você quer. Tanto a expansão do mundo muçulmano, de um lado, que passa a ter uma relação com os visigodos ao longo do século VIII, quanto com reinos que eram normalmente chamados, por uma historiografia mais tradicional e revisitada hoje, de bárbaros”. Eu me interessei em ler um pouco mais sobre aquilo.

Foi aí que comecei a me aproximar e a descobrir. O mais impressionante, e que me levou de maneira definitiva, foi justamente a imagem construída de que os reinos bárbaros eram mesmo “bárbaros”, com pouco desenvolvimento, pouca história. O grande barato foi justamente descobrir que já tinha uma historiografia que apontava que não era aquele o caminho, apesar do forte senso comum. Então, comecei a trabalhar primeiro nas relações de poder, na ideia de uma intelectualidade, até chegar à educação medieval, e da educação medieval aos visigodos. Eu fiquei apaixonado, e sigo a vida, até hoje, com isso.

**Jefferson Alves: Uma pergunta que acho que todo mundo se faz: fonte? Como é o acesso?**

**Laís Marcoje: O senhor tem um projeto de levantamento de fontes?**

**Rodrigo Rainha:** Isso, exatamente. Quando eu entrei no Programa de Estudos Medievais da UFRJ, o programa vivia um momento de levantamento de documentos medievais, traduzidos ou não, disponíveis aqui no Brasil e, em especial, no Rio de Janeiro. Descobrimos que tinha muito material, por exemplo, na biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ, muitas vezes em latim, onde é possível consultar materiais que foram maravilhosamente traduzidos, muitas

---

<sup>1</sup> O Instituto de História (IH) foi criado em dezembro de 2010, até quando os cursos de graduação e pós-graduação em História estavam vinculados ao extinto Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS).

<sup>2</sup> Leila Rodrigues da Silva é, desde 1994, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde, atualmente, compõe a coordenação do Programa de Estudos Medievais e leciona na graduação em História e no Programa de Pós-graduação em História Comparada.

vezes, por filólogos renomados. E você começa a descobrir materiais em profusão no Real Gabinete Português; que existe um volume de materiais que pode ser levantado, que está aqui disponível, mas com os quais as pessoas não tinham contato.

No meu caso especificamente, eu tive um problema com a documentação, pois precisei aprender algumas bases de latim para melhorar minha compreensão, mas também, precisava de materiais que tivessem boas bases filológicas sobre eles, bons debates filológicos para eu me apoiar a fim de me aperfeiçoar nas leituras das fontes. Porque, por mais que eu me aproximasse da língua, não era um filólogo, mas um historiador se aproximando, fazendo leitura, tomando conhecimento pra lidar com esse material. Imagina na graduação!

Então, eu precisava de materiais que tivessem boas edições e foi importante o que tinha sido disponibilizado no Programa de Estudos Medievais (aliás, é uma biblioteca bem legal que a gente tem lá): os materiais trazidos pela professora Maria Sonsoles Guerras<sup>3</sup>. Estes materiais, uma vez disponibilizados para os alunos, criavam um acervo pra gente, que se somava ao acervo da busca documental sobre a Idade Média. Quando a gente junta esses materiais, já consegue notar que tem um conjunto possível, factível, de ser tocado, trabalhado, observado ali. E você precisa aprender e entender como trabalhar com documentação medieval.

Primeiro, entender as famílias de documentação, quais são as bibliotecas em que ela é encontrada, as escolhas de material para tradução, em quantos materiais diferentes é possível traçar uma comparação. Esse grupo e esse caminho, que o próprio desenvolvimento da documentação te dá, muitas vezes acabam facilitando e abrindo a chance de integrar e trabalhar com a documentação. A professora Andreia Frazão<sup>4</sup> disse que os estudos medievais brasileiros têm se destacado justamente por ter muito mais cuidado e muito mais afinco em trabalhar com a documentação, em trazer elementos teóricos, em discutir a documentação, diferentemente do discurso muito superficial que se tem criado pela profusão de documentos.

Então, isso abriu a possibilidade de dizer que o meu trabalho tinha sentido; com um conjunto menor de documentação, eu tirava muito mais, trabalhava muito mais, observava muito mais. Depois, obviamente, no mestrado e no doutorado, o conjunto de documentação cresceu muito.

---

<sup>3</sup> Maria Sonsoles Guerras Martin foi professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e especialista nos estudos do medievo, sobretudo no que concerne aos povos bárbaros.

<sup>4</sup> Andreia Cristina Lopes Frazão da Silva é, desde 1992, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde, atualmente, compõe a coordenação do Programa de Estudos Medievais e leciona nas graduações em História em Gastronomia e no Programa de Pós-Graduação em História Comparada.

Minha primeira documentação só tinha em uma família. Isso facilitava, mas ao mesmo tempo gerava dúvida. Fomos buscar uma série de autores para validar se era uma documentação produzida na época. Uma grande maioria chegava à conclusão de que, de fato, eram documentos do século VII visigótico, que era o Epistolário de Bráulio de Zaragoza<sup>5</sup>. Esses documentos tinham algumas versões traduzidas por filólogos importantes, reconhecidos, o que aumentava a chance de eu fazer uma boa análise. Era o conjunto epistolar com 44 cartas de fases diferentes, de grupos diferentes, que eu conseguia traduzir, conseguia perceber tratamentos diferentes, conseguia perceber discursos diferentes. Então, a minha aproximação da documentação foi facilitada por essa escolha.

No momento seguinte, quando eu começo a ampliar, eu descubro que (aí vem o segundo elemento) o século XXI trouxe uma possibilidade fora de série para o medievalista. Hoje, o número de materiais em fac-símile ou em boas traduções disponíveis na internet, em sites de universidade, em grupos de pesquisa, é muito grande. Aquele mito do passado, de que não dava para estudar história medieval no Brasil por conta da ausência de documentação, hoje, no século XXI, está inteiramente superado. Você tem acesso, tem as possibilidades, e isso em si é algo muito importante para mim.

**JA: Isso atrai alunos de graduação?**

**RR:** Sem dúvida. O medievo em si já aparece, nos cursos de graduação, normalmente entre o terceiro e o quarto períodos, quando o aluno já tomou aquele primeiro susto e já pensa: “vai ter uma hora que eu vou ter que começar a pensar na minha monografia, no meu TCC”. Aí ele se depara com a Idade Média (com um discurso do coletivo, do espaço cotidiano, do *Game of Thrones*, há os jogos, há os livros) e com o discurso que desconstrói muito daquela mitologia, daquela Idade Média tradicional, daquela Idade Média chata, daquela Idade Média feudal apenas, que a gente ainda observa na escola. Então, ele se vê fascinado!

Hoje, percebe-se que a produção historiográfica da Idade Média perde para Brasil e para a contemporânea. Em relação às demais, ela vem em níveis muito próximos de produção, mostrando o interesse pela produção e que os pesquisadores dessa área são muito fortes e muito importantes. Alguns centros, alguns núcleos, vão conseguindo constituir, no Brasil, verdadeiras

---

<sup>5</sup> Bráulio de *Saragoça* foi um bispo católico do século VII. O epistolário em questão constitui a principal documentação analisada por Rodrigo Rainha em sua monografia *Considerações sobre a produção intelectual no Reino Visigodo no século VII sob a luz do Epistolário de Bráulio de Saragoça* (2004), e em sua dissertação de mestrado *Reflexões sobre a educação no Reino Visigodo: um estudo sobre as relações de poder a partir do epistolário do bispo Bráulio de Saragoça (631-651)* (2007).

escolas de formação, grupos que desenvolvem pesquisas: o trabalho que a Vânia<sup>6</sup> fez na UFF, o trabalho que o Mário Jorge<sup>7</sup> continua fazendo na UFF, o Programa de Estudos Medievais.

O próprio Programa de Estudos Medievais traz linha de produção, com as professoras Leila e Andreia, que consegue constituir toda uma sucessão de professores que hoje estão reconhecidos em universidades importantes: Bruno Álvaro<sup>8</sup> em Sergipe; o Marcelo<sup>9</sup> na Bahia; aqui no Rio de Janeiro, o Paulo Duarte<sup>10</sup> na UFRJ, eu e a Marta<sup>11</sup> na Uerj, a Carolina Fortes<sup>12</sup> na UFF; o trabalho do professor Renan Frighetto<sup>13</sup>; o trabalho feito na USP. Uma sucessão formada por medievalistas brasileiros em continuidade, fruto desse trabalho que atrai lá naquele primeiro momento de pesquisa, que tem um investimento e um desenvolvimento sério, e aí vão sendo construídas escolas de Idade Média no Brasil. Existem muitos trabalhos muitos legais que constituem essa linha e essa continuidade dos estudos medievais, atraindo desde “meninos” da graduação até chegar a essa sucessão e a essas escolas.

**LM: E essa quantidade de fontes também vai mudando as pesquisas?**

**RR:** Sim. Os trabalhos que tratavam de Idade Média tinham duas temáticas básicas: ou estavam dentro da Igreja estudando as características da própria Igreja, ou estavam estudando características do feudalismo na maneira mais tradicional. Hoje, tem excelentes trabalhos discutindo arte, gênero, relações de poder das maneiras mais diversas. Tem trabalhos de economia que discutem a questão do senhorio de maneira absolutamente descolada daquela linha tradicional. Nós vivemos em um período da nossa história que teve investimento, possibilidade das bolsas-sanduíche, nas quais vários pesquisadores foram e trouxeram novas linhas, novos materiais. Eu mesmo participei e fiquei vinculado à Universidade de Barcelona,

<sup>6</sup> Vânia Leite Fróes é, desde 1968, professora da Universidade Federal Fluminense, onde, atualmente, leciona na graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em História.

<sup>7</sup> Mário Jorge da Motta Bastos é, desde 1992, professor da Universidade Federal Fluminense, onde, atualmente, leciona na graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em História.

<sup>8</sup> Bruno Gonçalves Álvaro, professor da Universidade Federal de Sergipe, concluiu seu doutorado em 2013, no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação de Andréia Frazão.

<sup>9</sup> Marcelo Pereira Lima, professor da Universidade Federal da Bahia, concluiu seu doutorado em 2010, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, sob orientação de Mário Jorge.

<sup>10</sup> Paulo Duarte Silva, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, concluiu seu doutorado em 2014, no Programa de Pós-Graduação em História Comparada também da UFRJ, sob orientação de Leila Rodrigues.

<sup>11</sup> Marta de Carvalho Silveira, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Estácio de Sá, concluiu seu doutorado em 2012, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, sob orientação de Mário Jorge.

<sup>12</sup> Carolina Coelho Fortes, professora da Universidade Fluminense, concluiu seu doutorado em 2011, no Programa de Pós-Graduação em História também da UFF, sob orientação de Mário Jorge.

<sup>13</sup> Renan Frighetto, professor da Universidade Federal do Paraná, concluiu seu doutorado em 1996, em História Antiga na Universidad de Salamanca, Espanha.

e trouxe uma série de novas temáticas, de novos materiais. Hoje, se você quiser trabalhar com Idade Média, tem as linhas mais diversas e os trabalhos mais interessantes.

Por exemplo, quando se falava de História da Educação, durante muito tempo foi uma História do caminho escolar. Quando eu estava em Barcelona e dizia que trabalhava com a História da Educação na alta Idade Média, as pessoas diziam que eu não precisava estudar mais nada; falavam de Marrou<sup>14</sup> e Riché<sup>15</sup>, e que já estava resolvido. Sendo que, nos trabalhos do Marrou e do Riché, eles mesmos dizem que fizeram abordagens escolares importantes, mas que ainda havia muito trabalho sobre a questão da Educação que precisava ser pensado.

Então, o que eu trago, o que eu proponho é: “O que é educação? Quais são esses novos conceitos?” Não se imaginava uma abordagem inteiramente fora de uma linha tradicional, institucional, de organização da Igreja. Perceber a educação como princípio de relações mestre-disciplinares, relacionada ao cotidiano, não só para formação de novos grupos clericais, pensar em ações pedagógicas, não era comum na linha tradicional. Eu me lembro de um dos últimos eventos de que participei, em Leeds, um grande evento de história medieval no mundo, com professores brasileiros levando seus trabalhos e discutindo desde os bestiários medievais até a questão da produção, discutindo se determinado documento podia ou não ser compreendido como pertencente desse ou daquele século. Debate que a gente sequer participava durante muito tempo.

#### **JA: A inserção do Brasil, então, é recente?**

**RR:** A inserção do Brasil é relativamente recente, mas vem de uma crescente. Se eu não me engano, o professor Mário Jorge, da UFF, fala de um congresso no final da década de 1970 em que um autor dizia ser muito legal o Brasil começar a pensar em Idade Média, mas que não produziria medievalistas representativos. Mas toda uma geração formada na década de 1980 abriu os caminhos, entrou nas universidades na década de 1990 e constituiu grupos e linhas de pesquisa que fundamentam a participação do Brasil. Hoje, esses professores ainda abrem espaços com seus orientandos, novos grupos que estão tendo seus trabalhos reconhecidos.

---

<sup>14</sup> Henri-Iréné Marrou (1904-1977) foi um historiador francês que dedicou parte de seus estudos a Antiguidade Tardia e a História da Educação.

<sup>15</sup> Pierre Riché (1921-) é um historiador francês que desenvolveu trabalhos sobre Império Carolíngio, educação e cultura na Idade Média, entre outros.

No Congresso em Leeds, Ian Wood<sup>16</sup> disse quem quisesse estudar Idade Média teria que começar a aprender a lidar e a ler a historiografia produzida no Brasil pela sua qualidade. Nós estamos chegando, lentamente, continuamente, a constituir um espaço. Não é um pesquisador brasileiro que se inseriu num grupo e produz tal qual a historiografia francesa, mas é uma historiografia brasileira, uma forma de pensar, de discutir, de criar seus próprios embates que está levando a uma nova produção, que está levando a um novo processo, e esse reconhecimento é importante.

**JA: Há uma História Medieval “a la brasileira”? Ela tem uma peculiaridade ou é paralela às demais?**

**RR:** Certamente ela dialoga com muitas historiografias e isso é uma característica importante. Chamar de “a la brasileira”, não sei se chego a tanto. Mas, sem dúvida, a maneira como a gente produz, a nossa relação com a teoria, a nossa observação dos objetos, são diferenciais importantes que nos aproximam, talvez, de uma historiografia que esteja sendo produzida no México e fora de alguns centros muito tradicionais, como a historiografia portuguesa e espanhola. Então, não vou chamar de uma historiografia “a la brasileira”, mas nós estamos contribuindo de maneira mais efetiva com a nossa multiplicidade, com os nossos múltiplos elementos, que marcam cada vez mais a nossa produção.

**JA: O novo interesse pela Idade Média por parte dos alunos de graduação pode dar ao mundo escolar professores mais bem preparados e com isso mudar a visão do “mito negro” da Idade Média? O que você acha disso?**

**RR:** Eu acredito muito. Vou começar contando algo interno para você entender. Há quase três anos eu entrei na Uerj numa cadeira que os alunos contestavam muito, que é a cadeira de Península Ibérica – sou professor de Idade Média da área de Antiga e Medieval. Península Ibérica é uma disciplina que muitos dos alunos entendiam que reproduzia o olhar máximo para a Idade Média, quer dizer, busca por uma herança na Península Ibérica antiga e medieval, as heranças portuguesas e espanholas que formam o Brasil, que seria uma visão eurocêntrica, etnocêntrica, tradicional, por isso essa disciplina representaria um problema. Embora os

---

<sup>16</sup> Ian Nicholas Wood é professor da Universidade de Leeds e especialista em Alta Idade Média, especialmente no que concerne ao Império Merovíngio.

professores já tentassem sair dessa questão, existia ainda uma visão e uma tradição que vem da nossa relação escolar, que vem da nossa relação cotidiana muito forte também.

### **JA A relação fílmica?!**

**RR:** Fílmica. E eu entro provocativamente falando o seguinte: “Vamos repensar essa Península Ibérica? Vamos tentar entender? Vamos trabalhar as suas relações de maneira mais ampla? Vamos tirar o foco só desse acidente geográfico e pensar, por exemplo, as relações mediterrânicas? Vamos pensar sobre questões de identidade, autoridade, gênero, poder, estrutura?” Quem passou por essas releituras, hoje, muitas vezes tem dificuldade de dizer que “a Península Ibérica é desnecessária” porque entende que boa parte da formação das estruturas, das dinâmicas que você vai perceber na relação entre o mito do isolamento de África e Europa, o mito das construções de uma ocidentalidade plena estão presentes ali dentro dessa discussão.

A primeira coisa que eu faço na minha aula de Idade Média, normalmente, seja na Estácio, seja aqui na Uerj: “você querem ver como vocês tiveram Idade Média no colégio?” O primeiro aluno reage dizendo que nem lembra. Eu desenho no quadro um triângulo, divido em três e falo: “O professor de vocês fez ou não fez isso?” Eles começam a rir. Eu faço um círculo, dentro do círculo eu faço outro círculo e eles voltam a rir. “Vai dizer que não é assim que as relações de suserania e vassalagem foram explicadas a vocês? Foi falado para vocês que Idade Média era sinônimo de feudalismo.” Isso tem relação com uma historiografia marxista, que formou um conjunto importante de professores, mas o olhar ficou restrito no modo de produção feudal.

Tem também o ideal do Império Romano: “Oh, meu Deus! O Império Romano acabou, então mergulhamos nas trevas.” Mostro como a tradição iluminista representa esse papel. Terminando falando que a partir daquele momento a gente tem uma missão, tal como Hilário Franco Júnior<sup>17</sup>, que na introdução de *A Idade Média: o nascimento do Ocidente*<sup>18</sup> provocava: “É preciso estudar a Idade Média como um período como outro qualquer. Primeiro, entendendo que não existe ‘uma’ Idade Média, isso é uma escolha historiográfica, marcada por determinados elementos e determinadas visões.” É preciso estudar a Idade Média como

---

<sup>17</sup> Professor aposentado da Universidade de São Paulo, atualmente está vinculado ao *Centre national de la recherche scientifique* (CNRS), na Universidade de Borgonha.

<sup>18</sup> *A Idade Média: o nascimento do Ocidente* foi publicado pela primeira vez em 1986 e ganhou uma nova edição em 2001. FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

qualquer período temporal: trabalhando e dialogando com as suas próprias características. “Vocês têm uma missão: não reproduzir esse discurso na escola.”

Outro ponto, que pra mim é crítico: o aluno vem pra universidade, trabalha novas discussões e novos elementos e, quando chega naquele dia em que pela primeira vez ele entra em sala de aula, pela primeira vez encara um ensino fundamental, um ensino básico, quando chega lá, a memória afetiva, em vez de o levar para o professor da faculdade, leva para o professor que ele teve na escola, leva para o olhar mais tradicional do livro didático, leva ele a repetir. Há um forte ideal conservador, há um perigo desse ideal conservador. Você tende a conservar e não dar aula como as discussões que aprendeu na universidade. Precisamos desconstruir isso.

Quando falamos em qualquer projeto pedagógico, falamos de ação e reflexão, mas, a sala de aula infelizmente tende à somente ação, a ação docente de falar e o aluno ouvir. E é por isso que é mais fácil vender a ideia da “Idade das Trevas”. Por isso é mais fácil eu reproduzir a ideia do discurso fílmico. Então, eu tomo pra mim, como objetivo de vida, levar esses conhecimentos ao máximo de público que eu puder, para que justamente eu não tenha entre os meus alunos e no meu cotidiano essa reprodução tradicional. Eu falo para eles: “Eu quero ser contestado. Quero ouvir alguém dizendo: discordo do que você está fazendo.” Eu convido-os a debater. Os novos medievalistas vão quebrar aquela linha dos professores que chegavam à escola e diziam não se lembrar nada de Idade Média, e reproduziam o livro para poder correr para Moderna o quanto antes. Isso é uma busca e eu vou nessa busca.

**LM: É devido a essa forma de pensar que você realiza projetos paralelos como o “Rolé carioca”<sup>19</sup>, a fim de discutir e desconstruir a própria noção tradicional de História?**

**RR:** Exato! Você quer coisa mais legal que notar uma criança de 11 anos que, mesmo não querendo ir, o pai leva, interessada no que o professor da faculdade está falando? Essa criança bate no seu ombro e fala: “professor, olha aquele elemento ali, eu não entendi, me explica?” Quer coisa mais legal que isso? É sempre uma questão muito complicada partir dessa ideia de popularização. É muito fácil ser reconhecido como o não-acadêmico. Será que não é possível produzir academicamente com qualidade e, ainda assim, ter isso como ideal de vida?

---

<sup>19</sup> Criado em 2013, o projeto “Rolé carioca” realiza passeios pelos bairros do Rio de Janeiro tendo historiadores como guias. Maiores informações podem ser vista no endereço [www.rolécarioca.com.br](http://www.rolécarioca.com.br).

Esse ambiente aqui [a Uerj] me ensinou isso, que eu já trazia da Estácio, com perfil tremendamente popular. Eu tenho muito orgulho dos cursos que eu criei. Sou coordenador da Estácio. Eu e o professor William Martins<sup>20</sup> organizamos boa parte da estrutura do funcionamento do curso de História e tivemos os nossos parceiros. O papel ali é o de popularização de um público que ingressa sem o vestibular, de um indivíduo que muitas vezes está há anos sem estudar, e é uma instituição que possui um papel muito importante socialmente falando. Mas, quando eu entro nesse espaço, quando começo a ver esses meninos em uma universidade em crise, em uma universidade que o governo quer abandonar, é preciso mostrá-los que o trabalho que está sendo desenvolvido aqui precisa ser visto pela sociedade, visto por todo o mundo. É muito bonito. É muito necessário. É fundamental.

Então, eu quero que eles discutam História em qualquer lugar; que falem de História em qualquer espaço. Portanto, quando propus um projeto como o “Rolé carioca”, não significava que eu levaria um discurso simples, e eu comento isso com os meus alunos. Eu não sou guia de turismo, eles fazem turismo muito melhor do que eu, têm treinamento, expertise; eu sei dar aula. O que eu faço é dar aula na rua. Então, não vou para dizer “esse prédio aqui é de x período”, mas sim “quantas provocações esse prédio dá? Quantas imagens construídas aqui? Quantos elementos a gente pode trabalhar?” E me dizem: “o público não entende”, que é o discurso normalmente da escola.

**LM: Eu fui uma vez no “Rolé carioca”, em Niterói.**

**RR:** Então você provavelmente ouviu: “ah, o público não entende.” Mas você observa aquelas pessoas paradas te olhando, pensando, construindo, etc. Eu lembro que nesse dia em Niterói, por exemplo, uma das primeiras provocações que fiz foi lidar com o orgulho do público, porque Niterói coloca com todas as letras: “a segunda capital com mais obras do Niemeyer”. Questionei: “O quanto disso é inventado? Pra que se vende essa imagem? De onde se constrói essa imagem? Por que ela é importante? O que representou a modernidade?” Depois entra a questão dos novos prédios. “O que são essas torres, as curvas, o que elas representam?” Você treina outros debates. Não é preciso concordar comigo, porém, se alguém sai com aquilo incomodando, fazendo-o pensar. E pra que se estuda a História, senão para fazer pensar? Não é um inventário de dia, data e local. História é um exercício de reflexão, de fazer pensar. Então preciso provocar para que você construa, trabalhe. E essa é a ideia do Rolé.

---

<sup>20</sup> William de Souza Nunes Martins é professor do curso de História da Universidade Estácio de Sá desde 2007.

**LM:** Acho um projeto muito interessante.

**RR:** Eu sou absolutamente apaixonado pelo Rolé. Acredito que ele tem um papel. Minha esposa reclama por ser em um domingo de manhã, mas leva minha filha, que fica no meu colo, e me perguntam: “com sua filha? Não é um momento de trabalho?” Mas a História pra mim é algo tão prazeroso que eu quero que minha filha esteja junto, com dois aninhos, no meu colo. Quero que todas as pessoas aprendam um pouco mais de História.

Costuma ter uma pessoa conservadora que pode fazer uma crítica a você. É ótimo! Quero conversar com ela, pra trazer meu ponto de vista e ouvir o dela. A ideia de estarmos em guerra é muito mais fácil. Vamos provocar! Alguns podem dizer: “mas tem coisas que não se pode falar.” Um exemplo, eu estive agora em Manaus com o “Rolé Brasil”<sup>21</sup>, e, dentro da Igreja de São Sebastião, levantei como questão que uma das formas de dominação mais claras e utilizadas pelo domínio português foi a partir da Igreja. Estávamos lá e precisava pensar como toda aquela região utilizou a construção daquele tipo de freguesia para o trabalho. Isso de dentro da Igreja. E ninguém me expulsou. As pessoas me ouviram bem. “Você falou algum absurdo?” Não. A fé é a fé. Agora, que ela é utilizada de maneira instrumentalizada como forma de dominação, sim. E isso não é agressivo religiosamente. Mas é provocativo, independente de você concordar ou não, para você pensar sobre isso.

#### **JA: A recepção do público é boa?**

**RR:** É muito impressionante. Eu já tive assim em eventos e eu nunca vou me esquecer disso. Exemplo: o aniversário da cidade do Rio de Janeiro, que tinha todo um apelo, e nós não temos aquele perfil tradicional. Foi bem divulgado. Foi bem trabalhado e aconteceu algo que não acreditei. Ladeira da Misericórdia, no Centro, em um lugar que as pessoas têm medo de ir, no Centro, domingo de manhã, e 800 pessoas apareceram para ouvir falar de História! Isso é impressionante, porque tem aquele mito de que “História não é rentável”. Eu faço discurso de análise, de observação, de estudo. Estudamos com afinco, eu, professor William Martins, professora Flávia Miguel<sup>22</sup>, professor Álvaro<sup>23</sup>, professor Maurício Bertola<sup>24</sup>. Todos os que

---

<sup>21</sup> Em 2013, foi criado o projeto “Rolé Brasil”, com a mesma proposta do “Rolé carioca”, mas em âmbito nacional. Maiores informações podem ser vista no endereço [www.facebook.com/RoleBrasil](http://www.facebook.com/RoleBrasil).

<sup>22</sup> Flávia Miguel de Souza é professora do curso de História da Universidade Estácio de Sá desde 2013.

<sup>23</sup> Alvaro Artur Guedes de Melo é professor do curso de História da Universidade Estácio de Sá desde 2005.

<sup>24</sup> Maurício Luiz Campelo Bertola de Almeida é professor do curso de História da Universidade Estácio de Sá desde 2005.

entram no Rolé precisam estudar muito. Discordamos um do outro no caminho – “Não, essa historiografia que ele está utilizando está ultrapassada.” –, as pessoas riem com a gente porque buscamos dar leveza ao discurso para que todo mundo possa ouvir. “Ah, todo mundo entende tudo?” Até parece que em sala de aula todo mundo entende tudo! Até parece que entre os pares todo mundo entende tudo. Isso é uma ilusão!

Então, vamos levar esse discurso para mais pessoas ouvirem. Eu participei da programação da Rádio Globo, fiquei três anos falando de História<sup>25</sup> ali. Você tem ideia de quantas pessoas entraram no meu perfil no Facebook se mostrando absolutamente apaixonadas por História? Você consegue ter ideia da beleza que é um velhinho me encontrar na rua e me perguntar se eu não sou o professor Rodrigo Rainha? Ele gosta de História e está ouvindo História, isso é ótimo!

**LM: A Uerj virou um símbolo de resistência do governo atual. Como é lidar com essas complicações por que ela está passando, quando os próprios alunos às vezes desistem dos cursos e vão para outras universidades, dada a desmotivação que é para eles?**

**RR:** Essa é uma das realidades mais duras que a gente enfrenta. Muita gente discute, por exemplo, a questão da greve, da parada, etc. Em primeiro lugar, é preciso dizer que há uma articulação governamental no Rio de Janeiro para que tudo que puder ser feito contra a Uerj, de maneira muito clara, seja feito. Cria-se faixa de salários para pagar servidores, trabalhando-se cuidadosamente para que a Uerj seja a última a receber. Cuidadosamente se cria o discurso de que os repasses estão sendo feitos, e toda uma maquiagem nos números é feita para dizer que os professores receberam.

Vocês têm noção de que boa parte do corpo docente da Uerj não recebe salário desde agosto? Nós estamos hoje, em 25 de outubro, e o décimo terceiro do ano passado ainda não foi pago. Repare: eu não estou falando de benesses, estou falando de salários. Essa articulação dói na gente, ela é muito difícil. E o que a gente tem feito? No departamento de História – com a atuação do Daniel Pinha<sup>26</sup> e da Gessica Gaio<sup>27</sup>, que tem sido maravilhosa –, todo o corpo docente fala em promover atividade de greve. Já é alguma coisa e também é uma forma de dizer pro aluno que vamos continuar aprendendo e resgatando, que esse é o nosso espaço. Porque

---

<sup>25</sup> Rodrigo Rainha apresentava os quadros “Rio, vamos juntos conhecer” e “Rio, você precisa conhecer”.

<sup>26</sup> Daniel Pinha Silva possui doutorado pela PUC-Rio (2012) e, atualmente, é professor de História do Brasil na Uerj e chefe do Departamento de História.

<sup>27</sup> Gessica Góes Guimarães Gaio possui doutorado pela PUC-Rio (2012) e é professora de Teoria da História na Uerj.

nada é mais bonito do que entrar em uma sala da Uerj e não sentir a desigualdade, como foi possível sentir em boa parte das salas de aula por aí afora, pois na Uerj a política de inclusão e a de cotas é real, existem e funcionam. Você tem uma sala que é colorida de fato. Uma sala que é fortemente negra, de população que vem de comunidade e que está chegando aqui com a possibilidade de realizar um sonho.

Grupos e mais grupos dos quais esses alunos são os primeiros da família que têm a possibilidade de ter um ensino superior. E é óbvio que eu entendo a frustração dele. Óbvio que eu entendo a tentativa dele, muitas vezes, de migrar, eu entendo. Mas eu posso garantir que os nossos alunos, no limite, têm orgulho da luta e do papel que fazemos. Eu mantenho, por exemplo, as atividades do laboratório e eu digo: “eu quero vocês pesquisando, difundindo, eu quero que vocês participem de congressos dizendo que a Uerj vive, a Uerj resiste, nossos trabalhos estão aqui, nossas leituras estão aqui.” Quando eu mantenho esses grupos, crio a possibilidade do meu aluno não ficar com essa imagem tão dura de que ele não está tendo (aulas). Mas a gente precisa o tempo todo afirmar que vivemos em um momento em que politicamente a Uerj é vista como um problema. E o governo articula para a Uerj ser vista como um problema, enquanto ela é uma solução para o Estado do Rio de Janeiro. Investir em universidades, em pesquisa é uma possibilidade maior de se ter transformações e discussões. Vocês têm ideia de quantos dos nossos professores têm projetos que são levados para a área social? Mas o discurso que é vendido é, justamente, o de que, se você para numa greve, você é vagabundo, você não está trabalhando, você não está a fim.

Você tem ideia de quantas movimentações a gente faz aqui por dia? Por isso a minha ideia de cada vez levar mais para fora. Porque eu quero que as pessoas conheçam. Quero que as pessoas saibam. E para mim é muito importante que a comunidade entenda o papel da Uerj. E eu preciso fazer essa autocrítica. Nós falamos sobre isso. É um debate que é feito. Uma autocrítica que diz o seguinte: o que está sendo produzido na Universidade precisa ser mostrado fora; levado pra fora para que as pessoas entendam justamente o papel que elas têm. O papel não é só para o aluno que ingressou aqui pelo vestibular; em todo sentido, é uma transformação que se pretende para o Estado.

Então, hoje, nós vivemos quase uma política de boicote, de violência, de negação. E a nossa resistência é pela continuidade e pela educação. O balão de ensaio que está aí é o que há de mais vergonhoso. Você tem uma política neoliberal, produzida por um governo golpista, estabelecido de uma hora para a outra, jogado no sentido de aproveitar para passar as agendas mais críticas para que o próximo governo não se preocupe em cumprir determinadas agendas

impopulares. E, assim, solta o balão de ensaio. Libera-se o dinheiro para dizer que o governo do Rio pode e tem condições, sim, mas precisa rever os seus custos. Como pela LDB o governo estadual não tem a obrigação de investir em uma universidade, será que é necessário manter uma?

É óbvio que eles sabiam que haveria uma reação, tanto que não colocam na boca do primeiro escalão, colocam na boca de um técnico, mas é uma possibilidade de jogar o balão de ensaio para a sociedade. Pelos comentários e pela leitura, vê-se que muitas pessoas já compram esse discurso. Felizmente, esse discurso, socialmente, ainda não é visto como central, como o mais importante. Mas é preciso ter cuidado, estar de guarda levantada e entender que a educação é um compromisso coletivo é fundamental. A Uerj é uma pérola da resistência sim. Uma forma muito clara de dizer: essa leitura que é feita, que está sendo discutida, precisa ser rompida. Então, eu peço e convido a todos que deem uma olhada nas nossas atividades, nas atividades que as outras universidades tocam. Ocupem, divulguem, tragam a sociedade para dentro das universidades. Isso é vital, e é nisso que nós estamos trabalhando. Isso tem sido cada vez mais nossa busca.

**JA: Para finalizar, vamos falar das duas realidades diferentes em que você vive, o mundo privado e o mundo público, a Universidade Estácio de Sá e a Uerj. As duas têm particularidades, uma pelo tamanho e a outra por causa da crise. Qual é a sua percepção no papel das duas universidades ou desses dois mundos, particular e público, na formação de professores e historiadores? Há diferenças? Há similaridades? Quais são?**

**RR:** Ótimo! Isso é uma boa questão. A universidade pública tem um papel: formação de excelência. Uma universidade pública que não trabalha com o princípio da excelência não é universidade pública. Sempre com seus currículos extensos e com a ideia de uma cobrança pesada, o que, às vezes, é bastante problemático para o aluno se manter, e produz um discurso excessivamente excludente (uma reflexão que nós precisamos fazer). Quando eu entro na minha sala de aula da Uerj, eu sei que o que os meus alunos me demandam é fantástico! É fantástico no sentido da profundidade das discussões e dos olhares que eles já trazem. Eles me fazem ser um professor que precisa estar em constante atualização.

Agora, vamos olhar o outro lado da moeda, a universidade privada. Ela, por princípio e tradição, não lidou historicamente com a excelência. Lidou com a ideia de ocupar um vácuo que não era ocupado pelas universidades públicas, em especial o dos cursos de licenciatura. Entendendo que cursos de licenciatura não são cursos, notoriamente, que permitam às

universidades obterem grandes lucros; elas têm a ideia de que esses cursos precisam ser equilibrados financeiramente. Não há possibilidade de uma universidade privada se manter sem equilíbrio entre a gestão e a academia. A excelência perde para a eficiência, que é um dos seus preceitos fundamentais. Quando a eficiência é a privilegiada, pode parecer um problema. No entanto, as demandas educacionais são muito mais amplas do que, infelizmente, a universidade pública consegue atender. Onde há este buraco e este lapso, a universidade particular se torna necessária.

Nesse sentido, o curso de licenciatura nas universidades privadas acaba atendendo a um público que, de alguma forma, não vê, ou não via, como possibilidade o acesso à universidade pública. É o público que está há anos sem estudar, que vem de uma realidade educacional, muitas vezes, crítica, onde as provas do Enem e as provas de ingresso se mostram absolutamente impossíveis. É um público que, muitas vezes, trabalha, sustenta família, e seria praticamente impossível cumprir os horários das universidades públicas. É um público que muitas vezes mora em comunidades muito distantes, e as universidades públicas têm seus polos muito mais concentrados (ainda que a Uerj seja pioneira, pois trabalha em Duque de Caxias e em São Gonçalo).

Quando uma universidade como a Estácio, por exemplo, leva um curso de pedagogia para 10, 15 *campi* e áreas diferentes, leva cursos de História para cinco áreas diferentes, ela atende ao público mais perto de casa, ao público que não teria esse acesso. E vem o desafio. Se o meu desafio na Uerj é tentar diminuir o discurso de exclusão, que muitas vezes acaba sendo feito e repetido, na Estácio, o desafio é melhorar a eficiência entre a academia e a gestão, melhorando também a qualidade.

Eu entrei na Estácio de Sá contratado e quem me entrevistou foi um professor que hoje está na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, um professor brilhante, um dos mais brilhantes que eu conheço, Fábio Koifman<sup>28</sup>. Ele defendia o seguinte: “eu quero qualidade no curso de História, não quero um curso de coitadinho. Eu quero professores atuando em suas áreas. Quero a melhoria do curso.” Tem nove anos disso. O professor Fábio Koifman passou pra Rural e os bastões com os quais ele tocava muito bem foram e são divididos entre mim e o professor William Martins.

---

<sup>28</sup> Fábio Koifman foi professor, entre 2001 e 2010, do curso de História da Universidade Estácio de Sá, onde também exerceu cargos de coordenação e direção. No ano de 2010, ingressou na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde leciona nos cursos de graduação em História e Relações Internacionais, e integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História.

A gente se pergunta como pode trabalhar pela qualidade. E trabalhamos no currículo, nos projetos, na iniciação científica, pontos em que a universidade tem crescido. O professor Luciano Medeiros<sup>29</sup> assumiu isso. Hoje, é o professor Rafael Iorio<sup>30</sup>. Temos uma universidade privada que começou a dar passos em busca de eficiência e qualidade que começam a aparecer.

Hoje, muitos dos meus alunos da universidade privada ingressam em mestrados de universidades públicas. Hoje, muitos dos meus alunos da universidade privada estão ocupando cargos de professores nas periferias afora, levando um discurso de qualidade. Eles representam uma transformação, uma mudança, uma ideia de que conseguimos atingir um patamar de qualidade. Um patamar que ainda pode ser muito melhorado. Um patamar que está sempre afetado, sim, pela necessidade de eficiência e de diálogo com a gestão. Não tem jeito. Eu preciso lidar com isso. Diferente da minha preocupação na Uerj, que é com as formas de manter e buscar a excelência. No entanto, na eficiência entre a gestão e a academia, eu posso dizer que, hoje, nos cursos da área de licenciatura, estamos ganhando. Temos tido boas notas e um bom aproveitamento. A qualidade está emergindo.

Os públicos são os mesmos? Não. Aqui na Uerj eu trabalho principalmente com garotos, alunos muito jovens. Lá, eu viro garoto. Eu sou mais novo que boa parte dos meus alunos ou tenho a mesma idade. Mas eu sei que nas duas eu cumpro papéis sociais que entendo como fundamentais para o desenvolvimento e melhora da sociedade. Aqui, um aluno me envia uma mensagem dizendo: “Rainha, pelo que você falou, eu não vou desistir, vou continuar. Naquele dia, devido ao professor ‘A, B, C, D’ de quem eu tinha falado, eu estava me sentindo muito mal e você recuperou meu espírito.” Isso é um papel que eu cumpro aqui.

Lá, um senhor que foi gari durante 30 anos, de mão grossa, com dificuldade de escrever, fez o curso com uma dificuldade imensa, mas, ao final, ele, que era quase semianalfabeto, quando entrou, fez um concurso para uma pequena prefeitura do interior do Rio de Janeiro, pediu aposentadoria da Comlurb, e se tornou professor naquela cidade. Eu falei: “Jesus,<sup>31</sup> que coisa maravilhosa, você conseguiu!” E ele: “professor, eu estou ganhando muito mais do que eu imaginei ganhar em toda a minha vida!” Num salário que nós observamos como crítico,

---

<sup>29</sup> Luciano Vicente de Medeiros ingressou como docente na Universidade Estácio de Sá em 1992, exercendo a docência nos cursos de Engenharia e cargos de coordenação e direção. Entre 2009 e 2016, foi diretor de pesquisa aplicada desta instituição; entre 2010 e 2014, foi vice-reitor de pós-graduação e pesquisa.

<sup>30</sup> Rafael Mario Iorio Filho ingressou como docente na Universidade Estácio de Sá em 2005, exercendo a docência no curso de Direito. A partir de 2016, passou a exercer os cargos de diretor de pesquisa e vice-reitor de pós-graduação e pesquisa aplicada desta instituição.

<sup>31</sup> Ex-aluno do curso de História da Universidade Estácio de Sá do campus Madureira.

como baixo, e também e naquela cidade, ele vê uma importância e uma beleza. Reafirmo: eu cumpro meu papel dos dois lados, e eu sei que eu ainda tenho papéis a cumprir.

**JA:** Muito obrigado, professor, pela entrevista.